

FLÁVIO DE CARVALHO: PROCISSÕES URBANAS

Teresinha Barachini¹

Resumo

A partir da revisitação aos documentos existentes sobre a obra Experiência nº2 e Experiência nº3 de Flávio de Carvalho, quais seriam as latências criativas e críticas que podem ser percebidas e geradas no sujeito que vivencia a cidade, como um lugar depositário de uma cultura que se expressa coletivamente no cotidiano.

Palavras-chave: Flávio de Carvalho. Experiência. Cidade.

Resumen

A partir de la revisitación a los documentos existentes sobre la obra Experiencia nº2 y Experiencia nº 3 de Flávio de Carvalho, cuáles serían las latencias creativas y críticas que se pueden percibir y generar en el sujeto que vivencia la ciudad, como un lugar depositario de una cultura que se expresa colectivamente en el cotidiano.

Palabras clave: Flávio de Carvalho. Experiencia. Ciudad.

As cidades, principalmente os espaços públicos de circulação, se apresentam para muitos artistas como um lugar aberto para experimentações. Por vezes, seus processos criativos ocorrem em um embate direto com os transeuntes, partilhando não apenas os espaços em si, mas os significados que se atravessam a este no cotidiano pelo simples ato de andar. Flávio de Carvalho (1899-1973), engenheiro e artista, ao retornar ao Brasil, depois de residir cerca de dez anos na Europa, irá publicar '*A cidade do homem nu*' (1930)². Um texto que já tornava perceptível alguns de seus questionamentos ligados ao sujeito e, deste, em relação aos espaços urbanos.

¹ Doutoranda PPGAV-IA-UFRGS. Prof. do Departamento Artes Visuais – CAL –UFSM.

² Texto "*A cidade do homem nu*", apresentado no IV Congresso Pan-Americano de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro e publicado no Diário da Noite de São Paulo. 01 de julho de 1930. Republicado por Luiz Carlos Daher, Flávio de Carvalho: Arquitetura e Expressionismo, Ed. Projeto, São Paulo, 1982 Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/documento/arquitetos/flavio1.asp> Acesso em: 10/04/2010

Em 1931, irá realizar sua Experiência nº2, que consistia em andar em sentido contrário a uma procissão de Corpus Christi pelas ruas de São Paulo com um boné de veludo verde na cabeça, e a posterior publicação do livro de igual título, narrando, segundo ele, a sua experiência sobre a psicologia das multidões. Este seu ato não se tratou apenas de um simples caminhar, mas de um enfrentamento direto com uma multidão temente a Deus e ‘alienada’ politicamente, levando-os a uma repulsão corporal em relação ao artista. Passados vinte e cinco anos, em 1956, Flávio de Carvalho irá realizar sua Experiência nº3, de pura irreverência, na qual ele sai pelas ruas de São Paulo vestido com traje de verão do ‘novo homem’ dos trópicos, evidenciando, mais uma vez, que os problemas que envolviam as questões culturais, políticas e religiosas abordadas por ele nas décadas anteriores, não haviam sido enfrentados efetivamente pelo coletivo no Brasil.

A crítica à modernização das cidades, ocorrida no final do século XIX e início do século XX, na Europa, será feita pelo *flâneur* de Baudelaire e os textos de Benjamin e, em um segundo momento, serão as deambulações dos dadaístas e dos surrealistas, com suas caminhadas que irão criticar as idéias urbanísticas das primeiras décadas do século XX. Para Jacques³, como para Mattar⁴, a Experiência nº2 demonstra claramente as influências que Flávio de Carvalho absorveu dos surrealistas parisienses quando este esteve na Europa realizando seus estudos.

Desta ação, Experiência nº2, Flávio de Carvalho irá narrar no seu livro que, ao ver a procissão, lhe ocorreu “a idéia de fazer uma experiência, [e] desvendar a alma dos crentes por meio de um reagente qualquer”, a fim de “provocar a revolta para ver alguma coisa do inconsciente”. E continua:

Tomei logo a resolução de passar em revista o cortejo, conservando o meu chapéu na cabeça e andando em direção oposta à que ele seguia para melhor observar o efeito do meu ato ímpio na fisionomia dos crentes. A minha altura, acima do normal, me tornava mais

³ JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Breve histórico das errâncias urbanas. Arqtextos, São Paulo, 05.053, Vitruvius, out 2004 Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/05.053/536>> Acesso em 11/04/2010

⁴ MATTAR, Denise. Apresentação. IN CARVALHO, Flávio de. *Experiência n.2: realizada sobre uma procissão de Corpus Christi: uma possível teoria e uma experiência*. Rio de Janeiro: Nau, 2001, p.10

visível, destacando a minha arrogância e facilitando a tarefa de chamar a atenção.⁵

Apesar dos pedidos para que ele se descobrisse em sinal de respeito, ele não o fez, e continuava a penetrar a procissão em sentido contrário, provocando-os e aumentando a hostilidade. A multidão então, volta-se contra ele e, em coro crescente grita: “Lincha!”, “Lincha...Mata...mata!”⁶. Para salvar-se do linchamento, precisou fugir para a Leitaria Campo Bello, na rua de São Bento e ficar lá até a polícia resgatá-lo. Ao ser preso, ele justificou-se dizendo que estava realizando uma “experiência sobre a psicologia das multidões”. Em seguida foi liberado e “acusado pela polícia tão somente de comunista.”⁷ O jornal O Estado de São Paulo, no dia seguinte, destacava: “Uma experiência sobre a psicologia das multidões da qual resultou sério distúrbio”⁸, e continua o texto dizendo: “um rapaz muito bem posto que se achava na esquina da rua Direita e praça do Patriarca, não se descobriu, conservando ostensivamente seu chapéu na cabeça. Os crentes que acompanhavam o cortejo revoltaram-se com essa atitude e exigiram em altos brados que ele se descobrisse.”

Flávio de Carvalho, em seu livro, irá comparar a procissão a uma parada militar, ao dizer: “ambas possuem um chefe invisível, o Cristo e a pátria. A pátria numa parada nacionalista funciona como o Cristo numa procissão”⁹. No último parágrafo do seu livro, ele irá afirmar que para “satisfazer ao instinto gregário do homem moderno, do homem que começa a nascer com as novas forças econômicas, é preciso alguma coisa mais que um mero boneco com um céu feito sob medida.”¹⁰ E, para Felipe Scovino,

[...] a presença de um reagente provocado e humilhante como era sua presença, perturbava de maneira deplorável a piedosa exultação

⁵ CARVALHO, Flávio de. *Experiência n.2: realizada sobre uma procissão de Corpus Christi: uma possível teoria e uma experiência*. Rio de Janeiro: Nau, 2001, p.16

⁶ Idem, p.28-29

⁷ SCOVINO, Felipe. *Antecedentes de uma massa enfurecida: Flávio de Carvalho e a ironia do absurdo*. Comunicações. XIV Encontro do PPGAV/EBA/UFRJ- Arte Ambientações Híbridas Espaço. Disponível em: <http://www.eba.ufrj.br/ppgartesvisuais/anaisEncontros/xiv/Comunicacoes/SCOVINO.pdf>. Acesso em: 19/04/2010,s/d, p.3

⁸ UMA EXPERIÊNCIA sobre a psicologia da multidões da qual resultou sério distúrbio. O Estado de São Paulo, 9 de junho de 1931. IN CARVALHO, Flávio de. *Experiência n.2: realizada sobre uma procissão de Corpus Christi: uma possível teoria e uma experiência*. Rio de Janeiro: Nau, 2001, contracapa.

⁹ CARVALHO, op. cit., p. 51

¹⁰ CARVALHO, op. cit., p.151

narcisista mais do que qualquer outra aglomeração, e destacava com mais contraste o sentimento antitético de adoração e ódio. [...] Carvalho termina a sua obra propondo a tarefa de desacreditar Deus, pois a religião seria um refúgio que traz a rotina e leva o homem à 'uniformidade imbecil'. Ao artista cabe romper a ordem do cotidiano.¹¹

Com sua *Experiência nº2*, de 1931, Carvalho nos leva a ponderar sobre os significados que podem ser aferidos à sua ação criativa ao mesmo tempo em que esta se tornava explicitamente um ato crítico, pois formulava-se como crítica ao homem que precisaria “despir-se [e] apresentar-se nu, sem tabus escolásticos, livre para o raciocínio e o pensamento. Apresentar sua alma para pesquisas; procurar a significação da vida”, pois que este homem “violentamente atacado de cristianismo”, cujo o processo talvez fosse “lento, mas não impossível.”¹²

Performaticamente, em 1956, Flávio de Carvalho irá realizar a sua *Experiência nº 3*, saindo pelas ruas de São Paulo vestido com o traje de verão do novo homem dos trópicos (ou *new look*). O modelo criado por ele consistia em: uma blusa de náilon, um saiote com pregas com meia-arrastão e sandálias de couro e um chapéu transparente. Em um dos seus textos publicados no Diário de São Paulo, no mesmo ano, Flávio de Carvalho¹³ irá escrever: “Entende-se por moda, os costumes, os hábitos, os trajes, a forma do mobiliário e da casa” e, contudo, “é a moda do traje que mais forte influência tem sobre o homem, porque é aquilo que está mais perto do seu corpo e o seu

¹¹ SCOVINO, Felipe. *Antecedentes de uma massa enfurecida: Flávio de Carvalho e a ironia do absurdo*. Comunicações. XIV Encontro do PPGAV/EBA/UFRJ- Arte Ambientações Híbridas Espaço. Disponível em: <http://www.eba.ufrj.br/ppgartesvisuais/anaisEncontros/xiv/Comunicacoes/SCOVINO.pdf>.

Acesso em: 19/04/2010 (s/d, p.4)

¹² Texto “*A cidade do homem nu*”, apresentado no IV Congresso Pan-Americano de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro e publicado no Diário da Noite de São Paulo. 01 de julho de 1930. Republicado por Luiz Carlos Daher, Flávio de Carvalho: Arquitetura e Expressionismo, Ed. Projeto, São Paulo, 1982 Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/documento/arquitetos/flavio1.asp> Acesso em: 10/04/2010

¹³ CARVALHO, Flávio de. A moda e o novo homem. Diário de São Paulo, 1956. Apud JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Breve histórico das errâncias urbanas. Arqtextos, São Paulo, 05.053, Vitruvius, out 2004 Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/05.053/536>> Acesso em 11/04/2010

corpo continua sempre sendo a parte do mundo que mais interessa ao homem”. E no Jornal a Gazeta, Menotti del Picchia¹⁴, irá escrever:

E lá saiu mais uma vez o herói-pesquisador [...]. Quanto mais grotesca fosse sua indumentária, mais eloquente seria o impacto na massa. A passeata caricata de Flávio de Carvalho era uma festa consciente de revolta contra convenções que devem ser superadas. Não creio que vinguem modelos: Flávio é um Galileu, não um Dior ou um Fath. Não é um costureiro; é um filósofo. É duro e heróico bater-se contra encruadas convenções.

Passados vinte e cinco anos de sua Experiência n^o2, o enfrentamento de Carvalho com a multidão, através da Experiência n^o3, é de pura irreverência, e seu corpo, mais uma vez, era o objeto de sua ação. Agora seu caminhar não se coloca em sentido contrário, mas se postula lado a lado nos deslocamentos cotidianos. O estranhamento acontece no ato em si. A multidão o toma como uma figura cômica e o segue em uma passeata, participando como parte integrante de um cortejo, sem perceber, talvez, o discurso pela liberdade individual expressiva posto por ele.

Pergunto, como um caminhar invertido¹⁵, por uma única pessoa, pode desestabilizar tanto o coletivo e as suas premissas de alienação? Como as certezas do sentido do fluxo, por aqueles que ritualizam e legitimam, entram em colapso temporário por este pequeno ato criativo? Um ato que é expurgado do ritual violentamente a fim de manter uma ordem estabelecida anteriormente na defesa e manutenção de uma religiosidade ritualística. Pergunto-me até que ponto este caminhar que enfurece o coletivo, em seu imaginário de fé, ao enfrentá-los, Flávio de Carvalho, os fez ponderar conscientemente sobre o próprio sentido do ritual ao qual estavam imersos, ou mesmo, agora, passados quase 80 anos, que significados são possíveis postular por este enfrentamento direto com o público? Será que continuamos inconscientes e praticando ‘procissões’ que nos cegam, referenciando autoritarismos distintos, tanto religiosos como políticos, que perduram e se fortalecem na América Latina e, em específico, no Brasil? O livro, o relato da experiência, as fotos e os escritos sobre urbanismo de Flávio de Carvalho nos faz ponderar permanentemente

¹⁴ Ver Menotti del Picchia apud OSORIO, Luiz Camillo. *Flávio de Carvalho: a vanguarda na arte brasileira moderna*. 2001, s/p. Disponível em: http://www.niteroiartes.com.br/cursos/la_e_ca/modulos3.html > Acesso em 19/04/2010

¹⁵ Refiro-me aqui ao trabalho Experiência n^o2.

sobre a cidade como uma estrutura cultural, a qual precisamos acessar e transformar permanentemente, pois a cidade, com suas ambiguidades, se impõe em um caminhar sincronizado, opressor, constituído como uma 'procissão'.

Ao ler no texto *Furor de arquivo*, de Suely Rolnik¹⁶, publicado em 2009, no qual ela afirma que 'a situação favorece a retomada de um movimento tendente a superar a dissociação entre micro e macropolítica, agora com outras estratégias', já que os artistas viveriam, neste momento, um outro tipo de opressão se comparado ao das ditaduras militares, tendo a concordar com a autora, principalmente ao me aproximar da obra e dos escritos de Flávio de Carvalho e de outros artistas da década de 60, no Brasil.

Por outro lado, o sistema político sobre o qual está a base da nossa sociedade brasileira não me parece que tenha mudado significativamente entre um regime ou outro de governo, posto que a essência de nossa constituição cultural permanece inalterada em seus 'valores'. Nosso 'comportamento', antes ou depois da ditadura, parece-me muito mais um simulacro de fantasias coletivas e anestésicas no sentido da manutenção, quando não de reforço, à nossa perspectiva inconsciente de colonizados, sem nunca termos efetivamente nas mãos a autonomia da criação e/ou da crítica em uma plenitude digna e socialmente democrática. Os acontecimentos nos são sempre externos e as responsabilidades pelos atos também pertencem sempre ao outro. Acredito que para alterar um sistema opressor, antes de mais nada, devemos reconhecê-lo, entendê-lo, e aí sim, saber se o queremos ou não. Não somos vítimas de sistemas autoritários, somos coniventes com os mesmos por diferentes razões e, principalmente, por uma prática de comportamento coletivo viciado em estruturas opressoras. Segundo a mesma autora, na América Latina,

[...] o político se coloca nas entranhas da própria poética. Encarnada na obra, a experiência onipresente e difusa da opressão torna-se sensível num meio em que a brutalidade do terrorismo de Estado provoca como reação defensiva a cegueira e a surdez voluntárias, por questão de sobrevivência.¹⁷

¹⁶ ROLNIK, Suely. *Furor de arquivo*. Arte & Ensaio. PPGAV, EBA, UFRJ, ano XVI, nº 19, dez 2009.

¹⁷ Idem, p.100

Prefiro entender que esta cegueira e esta surdez voluntárias, realmente não tomaram posse das ações criativas dos artistas ou da crítica como uma totalidade, mas que as ações criativas e críticas, apenas tenham mudado suas estratégias, a fim de conseguirem permanecer ativas; do contrário, não poderíamos chamar de criação ou de crítica. Não considero ser necessária uma ação ‘panfletária explícita’ para se trazer à tona uma abordagem poético-política de relevância para o coletivo pelo qual ela responde, mas a qualidade daquilo de que trata a sua fala e de como ela é posta ao meio. No entanto, sabemos que muitas das experiências de ‘fusão poético-política’ foram, em sua maioria, postas em esquecimento obrigatório por forças opressoras, através de violência explícita e extremamente abusiva, impedindo que pudéssemos gerar uma crítica sobre a poética, presente nestes atos.

Neste estado de coisas, impõe-se a urgência de ativar essa potência, libertando-a de sua interrupção defensiva, de maneira a viabilizar sua continuidade em função das forças que pedem passagem em nosso presente. Essa é a política de desejo que, de diferentes maneiras, move uma série de iniciativas geradas pelo furor do inventário.¹⁸

Desejo este – o ‘inventário’ – que ainda o percebo como ausente em nosso território coletivo. Ausência de uma prática de recuperação e manutenção de documentos-objetos, ausência de uma crítica diversificada, autoral e pública que possa elucidar ou indicar diferentes formas de absorção do que se fomenta através dos discursos, ou daquilo que conscientemente preferimos dispor em uma ação de esquecimento, ausência de clareza quanto às potencialidades dos ‘documentos monumentos’ que perpassam a formação do pensamento coletivo. Enfim, uma formatação de catalogação acessível materialmente e que possa efetivamente trazer reposicionamentos para que possamos nos recolocar ou nos colocar, com maior clareza, em relação ao meio a que pertencemos, ou julgamos pertencer, como agentes de nossas micropolíticas postas para / e no outro, como macropolítica.

Fragmentados, sobrepostos, difusos, confusos, conscientes ou não de nossas trajetórias históricas específicas, às quais estamos filiados como latino-americanos. Regimes autoritários, políticos e religiosos perduram na prática da não-cidadania. Sistemas obscuros de modernidade medieval angustiam e

¹⁸ Idem, p.104

paralisam nossas ações criativas ou críticas. Nossos heróis e nossos artistas nos são trazidos em discursos traduzidos em publicações escassas. Nossas referências são documentos preto e branco dentro de uma percepção digitalizada de mundo, provenientes de portos distantes, de cidades não penetradas por nossos corpos, apenas palpavelmente pertencentes ao nosso imaginário. Nossas cidades, a que os nossos corpos penetram de fato, trazem o terror e o medo no cotidiano, afastando a possibilidade do prazer da prática do *flâneur*, ou de um perambular ou do deambular poético em suas áreas de circulação urbana.

O nosso acesso a esta crítica proposta pelos artistas, em relação aos espaços construídos e o seu uso constituído pelo coletivo, mesmo que estejamos presentes no momento de sua instauração como ato efêmero, perpassa quase sempre pela documentação desses 'eventos', através dos seus textos, das suas fotografias, além de outros formatos de documentação, tais como os vídeos e os mapas subjetivos gerados e geradores das ações. Desejo um inventário, mesmo que frágil, parco, deficiente, falho, mas real, do meu cotidiano material, porque é dele que resulta o meu pensamento estético, é dele que desejo o meu ato criativo precário e frágil. Desejo saber onde fica a rua da 'procissão', por onde passa o cortejo, para me postar em sentido contrário ou conscientemente me entregar ao opressor em uma passeata de mesmo sentido. Se é que isto é possível em um ato criativo.